



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**JOGOS PARAOLÍMPICOS DE PEQUIM EM 2008: RECONSTRUINDO A  
PARTICIPAÇÃO DAS ATLETAS BRASILEIRAS**

**Brandel José Pacheco Lopes Filho**<sup>1</sup>

**Tiago Oviedo Frosi**<sup>2</sup>

**Janice Zarpellon Mazo**<sup>3</sup>

**RESUMO**

Os Jogos Paraolímpicos são considerados um destacado acontecimento do mundo esportivo atual. Nesses eventos, a participação de atletas brasileiros tem aumentado muito em quantidade, como também em qualidade no desempenho nos últimos anos. A presente pesquisa se propõe a reconstruir a participação das atletas paraolímpicas brasileiras nos Jogos Paraolímpicos de 2008 em Pequim. Para tanto, foram consultados artigos de periódicos, livros, anais de congresso, portais de notícias na internet, páginas na internet de órgãos nacionais e internacionais, além de manuais de orientação do projeto “Paraolímpicos do Futuro”, editados e disponibilizados pelo Comitê Paraolímpico Brasileiro.

**Palavras-chave:** Jogos paraolímpicos, História, Esporte, Mulheres.

*2008 BEIJING PARALYMPICS' GAMES: RECONSTRUCTING THE BRAZILIAN FEMALE  
ATHLETES PARTICIPATION*

**ABSTRACT**

Paralympics' Games are considered an important event on actual sport's world. The participation of Brazilian athletes grew up at this event also in quality with the results of recent years. This research is purposed to reconstruct the Brazilian female Paralympics athletes participation on 2008 Beijing Paralympics' Games. Articles, books, congress annals, internet sites and the “Paralympics of the Future” project's manuals (edited and available by Brazilian Paralympics' Committee) were consulted as printed and digital sources.

**Key words:** Paralympics' Games, History, Sport, Women.

<sup>1</sup> Graduando em Bacharelado em Educação Física pela Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF-UFRGS).

<sup>2</sup> Bacharel em Educação Física pela Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF-UFRGS).

<sup>3</sup> Doutora em Ciências do Desporto pela Universidade do Porto. Professora adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**JOGOS PARAOLÍMPICOS DE PEQUIM EM 2008: RECONSTRUINDO A  
PARTICIPAÇÃO DAS ATLETAS BRASILEIRAS**

*JUEGOS PARALÍMPICOS DE BEIJING EN 2008: LA RECONSTRUCCIÓN DE LA  
PARTICIPACIÓN DE LAS ATLETAS BRASILEÑAS*

**RESUMEN**

Los Juegos Paralímpicos son considerados un evento destacado del deporte en el mundo. En estos eventos, la participación de atletas brasileños ha aumentado mucho en cantidad, sino también en la calidad en el rendimiento en los últimos años. Esta investigación tiene como objetivo reconstruir la participación de atletas paralímpicos de Brasil en los Juegos Paralímpicos de Beijing 2008. Se ha consultado artículos de revistas, libros, actas de congresos, portales de noticias en Internet, sitios Web de las directrices nacionales e internacionales, además de manuales de orientación de los "Juegos Paralímpicos del Futuro", editado y realizado por el Comité Paralímpico Brasileño.

**Palabras-clave:** Juegos Paralímpicos, Historia, Deporte, Mujeres.

**CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Os Jogos Paraolímpicos são considerados um dos significativos acontecimentos do mundo esportivo atual, com um grande número de países participantes. Mais que um evento esportivo, os Jogos contribuem para a manutenção e a evolução dos níveis de acessibilidade social desejáveis para as pessoas com deficiência (DIAS, 2001).

Hoje, os Jogos contam com uma grande variedade de práticas esportivas adaptadas e com o *Goalball*, esporte exclusivo para pessoas com deficiência, inicialmente desenvolvido para reabilitar veteranos de guerra que perderam a visão (CPB, 2010). São diversos os tipos de deficiência abrangidos pelas competições, existindo para cada área de deficiência um sistema de classificação esportiva (SILVA & RODRIGUES, 2005). O número de participantes nos Jogos Paraolímpicos tem sido cada vez maior ao longo dos anos. Em sua última realização, em Pequim (China) no ano de 2008, participaram 4.200 atletas, dentre eles 188 brasileiros (CPB, 2010), representando a maior delegação da história do Brasil, que figurou entre os 10 primeiros lugares no *ranking* geral.

Dentre os fatores motivadores da investigação destaca-se o aumento da participação das mulheres nas Paraolimpíadas e a pouca cobertura de mídia ao evento, além da escassez de



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**JOGOS PARAOLÍMPICOS DE PEQUIM EM 2008: RECONSTRUINDO A  
PARTICIPAÇÃO DAS ATLETAS BRASILEIRAS**

publicações científicas acerca do tema, ao compararmos com as Olimpíadas. É importante registrar que uma das publicações internacionais mais importantes da área, o *International Journal of the History of Sport*, apesar de ter destinado três edições especiais aos Jogos de Pequim (IJHS, 2010; 2009; 2008), não publicou um único artigo referente ao esporte paraolímpico.

Tendo em vista esses fatores, a presente pesquisa se propõe a reconstruir as memórias da participação das atletas paraolímpicas brasileiras nos Jogos Paraolímpicos de 2008, uma “história do tempo presente” nos termos de Sandra Pesavento (2008). Foram consultadas fontes primárias como: documentos oficiais de resultados dos Jogos, disponíveis no portal do *International Paralympic Committee* (IPC, 2010) e fotografias do evento, divulgadas por portais de notícias que registraram sua memória. As fontes secundárias de maior relevância foram: artigos de periódicos, livros, anais de congressos. Outros documentos utilizados foram: documentos dos portais de órgãos de esporte paraolímpico, além de manuais do projeto “Paraolímpicos do Futuro”, editados e disponibilizados pelo Comitê Paraolímpico Brasileiro. As informações coletadas foram submetidas à análise documental que segundo Bardin (2000) consiste em realizar operações de desmembramento do texto em unidades de significado, buscando desvendar seus diferentes sentidos e, posteriormente, a partir da análise dos dados reagrupá-los e construir os eixos norteadores da pesquisa.

### **DO MUNDO PARA O BRASIL E DO BRASIL PARA SUA CASA**

A história do esporte paraolímpico está diretamente relacionada à recuperação social e física de veteranos da II Guerra Mundial, principalmente na Europa, local onde o conflito atingiu um grande número de combatentes que tiveram lesões na coluna vertebral. Assim como o esporte moderno<sup>2</sup>, as Paraolimpíadas também tiveram sua origem na Inglaterra (SOUZA, 2004). Ludwig Guttmann, um médico alemão, foi quem desenvolveu um programa de reabilitação médica e social para veteranos de guerra por meio de práticas esportivas, no Centro Nacional de Lesionados Medulares de *Stoke Mandeville*, cidade que mais tarde seria a sede da primeira competição para

---

<sup>2</sup> Nesse estudo, entendemos por ‘Esporte Moderno’ as manifestações de práticas corporais que seguem a definição proposta por Allen Guttmann (1978), produto da visão de mundo moderna, cujas características são: burocratização, racionalização do treinamento, secularização, busca pelo resultado e recorde.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**JOGOS PARAOLÍMPICOS DE PEQUIM EM 2008: RECONSTRUINDO A  
PARTICIPAÇÃO DAS ATLETAS BRASILEIRAS**

atletas com deficiência (CONDE et al, 2006; IPC, 2010). Essa competição ocorreu em 29 de julho de 1948, data exata da cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Londres, tendo sequência nos anos posteriores, surgindo assim o Movimento Paraolímpico. Mas apenas em 1960, em Roma, foi realizada a primeira Paraolimpíada, destinada a competidores em cadeiras de rodas. A inclusão de outros tipos de deficiência começou em 1976, nas Paraolimpíadas de Toronto, inserindo atletas com deficiências visuais (CONDE, SOBRINHO & SENATORE, 2006; CPB, 2010).

O Brasil só veio a participar dos Jogos em sua quarta edição, em 1972, na cidade de Heidelberg (Alemanha Ocidental), mas sem conquistar premiações (IPC, 2010). As primeiras medalhas brasileiras foram de prata, em 1976, no Canadá, conquistadas pelos atletas Robson Sampaio de Almeida e Luís Carlos Curtinho, na Bocha, colocando o Brasil na 31ª posição no quadro de medalhas. Desde então o número de competidores brasileiros vem aumentando a cada edição (BRAZZUNA & MAUERBERG-DECASTRO, 2001; FRANÇA, 2010).

Em 2008 o Brasil enviou à Pequim a maior delegação de sua história, 188 atletas que ocuparam 17 esportes: atletismo, basquete feminino e masculino, bocha, ciclismo, futebol de cinco, futebol de sete, *goalball* feminino e masculino, halterofilismo, judô, natação, remo, tênis de mesa, tênis, tiro e voleibol (CPB, 2010). Ao final do evento os atletas conquistaram 27 medalhas, 16 de ouro, 14 de prata e 17 de bronze, atribuindo ao Brasil o 9º lugar no *ranking* mundial.

Mesmo com um número de medalhas inferior à edição anterior em Atenas (33 medalhas no total), a participação brasileira em 2008 pode ser considerada como a melhor campanha do Brasil em Paraolimpíadas. Nos Jogos de Atlanta se estabeleceu em 37º lugar, (duas medalhas de ouro), em Sidney ficou em 22º lugar (seis medalhas de ouro), enquanto em Atenas permaneceu na 14º posição (14 medalhas de ouro) (DOMINGUES, 2010). Somente após essa crescente de conquistas houve mobilização por parte do Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB), que criou o projeto: “Paraolímpicos do Futuro”, cujo objetivo é aumentar o conhecimento sobre o esporte para pessoas com deficiências dentro do meio escolar (CONDE et al, 2006). É um passo pequeno em um mundo no qual os esportistas paraolímpicos recebem pouco destaque.

Ainda que essas conquistas sejam importantes, a cobertura da mídia brasileira sobre o evento não possui grande entusiasmo. Mesmo com um constante progresso no que diz respeito ao



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**JOGOS PARAOLÍMPICOS DE PEQUIM EM 2008: RECONSTRUINDO A  
PARTICIPAÇÃO DAS ATLETAS BRASILEIRAS**

mundo do entretenimento, não há uma democratização de bens culturais pelos veículos de comunicação (MARIN, 2009). Ainda que sejam feitas inúmeras demonstrações de talento e competência por parte dos atletas com deficiências, os meios de comunicação não divulgam seus feitos como ocorre com os Jogos Olímpicos, evento muito mais rentável em termos de divulgação e publicidade.

Os Jogos Olímpicos são noticiados em larga escala, com cobertura completa de mídia, enquanto os Jogos Paraolímpicos permanecem distantes dos olhos do público geral. Claramente as emissoras de televisão dão maior espaço às competições que são capazes de satisfazer o orgulho nacional ou nacionalista, como ocorre com as Olimpíadas, em que as imagens dos atletas são representadas como combatentes engajados em uma disputa entre nações (BOURDIEU, 1997). A mídia, peça fundamental para desmistificar esse conceito, apenas expõe uma imagem imprecisa e incompleta dos atletas paraolímpicos, impossibilitando uma identificação por parte da sociedade com suas histórias e conquistas (GUERRA & FIGUEIREDO, 2006). Devemos lembrar, também, que não apenas o esporte paraolímpico, mas o esporte em geral é ofuscado pelo futebol na televisão, que de alguma forma acaba sendo usado como instrumento de manipulação da população no Brasil (DA MATTA, 1982).

### **AS MULHERES E O ESPORTE PARAOLÍMPICO**

Ao contrário do que ocorreu com os diferentes meios sociais (incluindo o esporte), nos quais a emancipação feminina foi, muitas vezes, uma verdadeira batalha político-social (GOELLNER, 2009; RUBIO & SIMÕES, 1999), as mulheres estão presentes desde os primeiros Jogos de Stoke Mandeville, competindo com três participantes de um total de 13 atletas no evento (CIDADE & FREITAS, 2002). Em 1960 as mulheres participaram efetivamente dos primeiros Jogos Paraolímpicos oficiais, realizados em Roma: foram 44 atletas, cerca de apenas 30% do total de competidores, representando 17 países nas competições de arco e flecha, atletismo, arremesso de dardo, natação, tênis de mesa e esgrima. As brasileiras, em contrapartida, só vieram a participar dos Jogos em 1976, sua quarta edição, ano em que competiram duas atletas, mas que não obtiveram premiações. Em 1984, foram conquistadas as primeiras medalhas femininas: no atletismo, Anelise Hermany, Amintas Piedade, Márcia Malsar e Ferraz conquistaram 16 medalhas: quatro de ouro, 10



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**JOGOS PARAOLÍMPICOS DE PEQUIM EM 2008: RECONSTRUINDO A  
PARTICIPAÇÃO DAS ATLETAS BRASILEIRAS**

de prata e duas de bronze, em provas de corrida, saltos e arremessos. Na natação, Maria Matos conquistou uma medalha de ouro e duas de prata (IPC, 2010).

Desde então, a participação feminina no evento vem apresentando um crescimento lento, com pequenas quedas no percentual em algumas edições. Nas edições mais recentes, podemos constatar que em Atlanta as mulheres representaram 24,5% do total de atletas, com 780 participantes, em Sidney foram 25,4% (978 mulheres) e em Atenas houve a representatividade de 30,5%, com 1.165 atletas. Em Pequim, 1.383 mulheres estavam presentes nas delegações, ocupando 34,4% do total de participantes (IPC, 2010). Dessas, 37 eram brasileiras, competindo no atletismo, *goalball*, halterofilismo, hipismo, judô, natação e tênis de mesa.

Apesar de ainda predominar o destaque para o masculino, por diversas vezes presenciamos na mídia a ocorrência de palavras como “campeã” ou “guerreira”, pronunciadas por comentaristas esportivos, para descrever as atletas brasileiras. Aos poucos as conquistas femininas ganham seu espaço. Apesar de muitas barreiras políticas e preconceitos em relação à inferioridade biológica terem sido derrubadas, restam ainda muitos aspectos em relação ao preconceito social envolvendo as atletas com deficiências. Enquanto os atletas convencionais são vistos como “heróis” e símbolos de idolatria, dignos da era grega, os paraolímpicos são tidos apenas como “símbolos de superação” que merecem nosso respeito e consideração (GUERRA & FIGUEIREDO, 2006).

Encontramos os mais variados exemplos de histórias de vida de mulheres no esporte paraolímpico. Em Pequim, nossas atletas obtiveram medalhas nas categorias de atletismo, judô, natação e remo, contribuindo de maneira muito importante para que o Brasil ocupasse uma posição privilegiada dentro do quadro geral, a mais alta de sua história. Essas modalidades, bem como as atletas mencionadas e suas conquistas, são abordadas no texto a seguir.

## **RESGATANDO AS MEMÓRIAS**

O Atletismo faz parte das Paraolimpíadas desde sua primeira edição, com atletas possuidores dos mais diversos tipos de deficiências. Com competições constituídas por habilidades inerentes à sobrevivência humana, é o esporte mais praticado nos mais de 70 países filiados à Federação Internacional de Desportos para Cegos. Suas provas são divididas de acordo com o grau e o tipo de deficiência dos competidores (física e visual) nas modalidades de corrida, salto,



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**JOGOS PARAOLÍMPICOS DE PEQUIM EM 2008: RECONSTRUINDO A  
PARTICIPAÇÃO DAS ATLETAS BRASILEIRAS**

lançamento e arremesso. O Brasil é considerado um grande destaque na modalidade, tanto em solo nacional quanto internacional (VERÍSSIMO & RAVACHE, 2006; CPB, 2010).

Em 2008 as atletas contribuíram com um grande número de medalhas. Adria Rocha Santos, Jerusa Geber dos Santos, Shirlene Santos Coelho e Terezinha Guilhermina trouxeram 6 medalhas femininas, sendo 1 medalha de ouro, 2 de prata e 3 de bronze.

Adria Rocha dos Santos, corredora de velocidade e especialista nos 100m, 200m e 400m rasos, perdeu sua visão ao longo dos anos em decorrência de um quadro de retinose pigmentar e astigmatismo congênito. Estreou nas Paraolimpíadas com apenas 14 anos, idade com a qual conquistou duas medalhas de prata nas modalidades de 100m e 400m, em Seul. Em sua carreira encontramos 4 medalhas de ouro e 4 de prata em Paraolimpíadas, somadas às mais de 40 medalhas em provas internacionais e outra centena em provas nacionais na sua classe, incluindo o tricampeonato pela IAAF. Em 2008, conquistou a medalha de bronze em Pequim, nos 100m (FIGURA 1) (CPB, 2010).

Nascida com catarata, Jerusa Geber dos Santos iniciou sua vida esportiva em 2001, na pista de corrida e nos saltos, ao ser convocada para integrar o time de atletismo do estado do Acre. Ganhadora da medalha de bronze nos 200m, em Pequim, afirma que seu maior adversário não é a falta de visão, mas as lesões obtidas durante as competições. De acordo com a própria atleta, competir nas Paraolimpíadas de 2008 marcou sua vida (CPB, 2010).

Portadora de paralisia cerebral, Shirlene Santos Coelho é a atual detentora do recorde mundial de lançamento de dardo. Atingiu a distância de 27,59 metros no Parapan do Rio/2007, superando sua própria marca duas vezes, obtendo a distância atual de 31,89 metros. Conquistou a prata em Pequim e continua treinando arduamente para garantir um futuro melhor não apenas para si, mas para sua mãe (CPB, 2010).

No ano 2000, Terezinha Guilhermina ganhou um tênis de sua irmã e adentrou o mundo das corridas. No início de sua carreira, em maratonas, a atleta enxergava um pouco, mas com o avanço de sua retinose pigmentar teve de abandonar as corridas de fundo. Migrou, então, sua carreira para as corridas de velocidade e meio fundo, ganhando medalha de bronze nos 800m, em Atenas 2004. Entre suas conquistas internacionais estão: 6 medalhas de ouro e 1 prata em Parapanamericanos,



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**JOGOS PARAOLÍMPICOS DE PEQUIM EM 2008: RECONSTRUINDO A  
PARTICIPAÇÃO DAS ATLETAS BRASILEIRAS**

além de 9 medalhas de ouro e 1 prata em mundiais. Foi eleita, em 2006, Atleta Paraolímpica do Ano pelo CPB e convidada em 2007 para prestar o juramento do atleta na abertura do Parapan do Rio. Hoje a velocista cega mais rápida do mundo, Terezinha ganhou em Pequim o ouro nos 200m, prata nos 100m (FIGURA 1) e bronze nos 400m (CPB, 2010).



**Figura 1** - Terezinha Guilhermina e Adria Santos na premiação dos Jogos de 2008.  
Fonte: sessão de esportes do portal *uol.com.br*.

O Judô ingressou nas Paraolimpíadas em 1988, em Seul. Na época apenas homens participavam e permaneceu assim até os Jogos de Atenas, em 2004 (CPB, 2010). É voltado para deficientes visuais, divididos de acordo com seu grau de visão. Suas categorias possuem os mesmos parâmetros para homens e mulheres (VIEIRA & SOUZA JÚNIOR, 2006; FRANÇA, 2010). No ano de 1982 teve início, no Brasil, a prática efetiva de Judô para indivíduos cegos e de baixa visão, coordenada pelo professor Carmelino de Souza Vieira, no Instituto Benjamin Constant (VIEIRA & SOUZA JÚNIOR, 2006). Em sua primeira competição em Paraolimpíadas o país conquistou três medalhas de bronze, sendo reconhecido como uma potência e tornando o Judô a quarta modalidade brasileira a subir no pódio (CPB, 2010). Na última edição, em Pequim foram obtidas quatro medalhas femininas.

Daniele Bernardes da Silva iniciou sua prática aos três anos, por influência do pai e também professor de Judô. Começou a competir aos 11 anos, migrando para a modalidade paraolímpica aos





**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**JOGOS PARAOLÍMPICOS DE PEQUIM EM 2008: RECONSTRUINDO A  
PARTICIPAÇÃO DAS ATLETAS BRASILEIRAS**

18. Possuidora de visão monocular desde seu segundo ano de vida, a atleta já conquistou diversos prêmios: bronze no Mundial de Quebec (2003), bronze nas Paraolimpíadas de Atenas, ouro na Copa Mundial de São Paulo (2005) e ouro no Parapan do Rio/2007. Em Pequim conquistou a medalha de prata na categoria acima de 70 kg. Um dos objetivos de Daniele é passar adiante seus ensinamentos e proporcionar educação a todos (CPB, 2010).

Deanne Almeida começou sua vida no Judô apenas em 2002, por intermédio de uma amiga, e encara o esporte como qualidade de vida. Possui baixa visão, devido a um quadro de Síndrome de Steve Johsen. Participou da seletiva brasileira para o Mundial da IBSA, em Quebec (2003), mas não conseguiu se classificar. Apesar disso, se diz orgulhosa por ter vencido ao menos a primeira luta da competição. Conquistou o ouro nos jogos brasileiros para cegos e o bronze no Parapan do Rio, recebendo um prêmio de reconhecimento do Governo do Estado de Minas Gerais por esse título. Como vemos na FIGURA 2, em Pequim trouxe a prata brasileira o Brasil na categoria acima de 70 kg (CPB, 2010).



**Figura 2** - A judoca Deanne Almeida ao lado de outras medalhistas.  
Fonte: página de internet 'Judô das Gerais'.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**JOGOS PARAOLÍMPICOS DE PEQUIM EM 2008: RECONSTRUINDO A  
PARTICIPAÇÃO DAS ATLETAS BRASILEIRAS**

A atleta Karla Cardoso também iniciou no Judô por influências externas, no caso, seu irmão. A lutadora possuidora de baixa visão, além de treinar muito, sempre foi supersticiosa: nunca compete sem estar com tranças nos cabelos e um *body* por debaixo do quimono. Carrega diversos títulos em sua carreira: campeã mundial em 2003 e 2005, vice-campeã no mundial de 2007 e medalha de prata nas Paraolimpíadas de Atenas. Em Pequim repetiu o feito de quatro anos antes, levando o Brasil mais uma vez ao pódio (CPB, 2010).

A judoca Michelle Ferreira foi um desafio para esta pesquisa. Há uma carência muito grande de materiais que contem sua trajetória, incluindo as páginas da *internet* do CPB e do Comitê Paraolímpico Internacional. Apenas notícias na *internet* foram encontradas, citando seu desempenho em Pequim. A atleta teve um resultado mais que satisfatório nesses Jogos: com apenas 53 segundos de luta, conquistou o bronze derrotando a espanhola Sheila Hernandez na categoria até 52 Kg. Sua medalha foi a segunda obtida pelo Brasil nos Jogos de Pequim (UOL, 2010).

A natação está presente nas Paraolimpíadas desde 1960 e é aberta a atletas com deficiência física e visual. As provas são divididas de acordo com as normas do IPC Swimming, órgão internacional responsável pela modalidade, com adaptações feitas nas largadas, viradas e chegadas. Nadadores cegos contam com o *tapper*, ajudante que os avisa, por meio de um bastão com ponta de espuma, quando estão próximos das bordas da piscina (ABRANTES, LUZ & BARRETO, 2006; CPB, 2010). Os atletas brasileiros já possuem diversas medalhas na natação, mas foi em Pequim que os brasileiros brilharam como nunca: 19 medalhas ao todo, com três delas conquistadas por mulheres (IPC, 2010).

Edênia Nogueira Garcia começou a nadar aos 13 anos, por recomendação médica, e hoje possui diversos títulos mundiais. Sofre de Polineuropatia Sensitiva Motora (distrofia muscular progressiva), mas isso não a impediu de construir um grande currículo de medalhas: prata nos 50m costas em Atenas, ouro no Mundial da África do Sul (2006), bicampeã mundial nos 50m costas, campeã mundial nos 50m livre, bicampeã parapanamericana nos 50m costas e 50m livre, além de ser recordista nos 50m costas na mesma competição. Conquistou aos 21 anos a medalha de bronze (FIGURA 3), nos 50m livre em Pequim (CPB, 2010).



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**JOGOS PARAOLÍMPICOS DE PEQUIM EM 2008: RECONSTRUINDO A  
PARTICIPAÇÃO DAS ATLETAS BRASILEIRAS**



**Figura 3** - Edênia Garcia exibindo a medalha de bronze obtida.  
Fonte: sessão de fotos do portal *cpb.org.br*.

Fabiana Hurumi Sugimori ficou cega logo após seu nascimento, devido à Retinopatia da Prematuridade. Sua paixão pela natação começou aos três anos de idade, especializando-se nas provas de 50m e 100m livre. Possui mais de 10 medalhas de ouro em Jogos Parapanamericanos. Ingressou em sua primeira Paraolimpíada com apenas 16 anos, em Atlanta (1996). Em Sidney conquistou o ouro e sagrou-se bicampeã em Atenas, quatro anos depois, estabelecendo um recorde mundial nos 50m livre. Em 2008 conquistou a medalha de bronze nos 50m livre (CPB, 2010), recebeu do presidente Luís Inácio da Silva a Medalha da Honra ao Mérito Esportivo e ganhou um espaço na calçada da fama da rede esportiva de televisão ESPN.

A *personal trainer* Verônica Mauadie Almeida relata sua participação em Pequim como uma de suas maiores conquistas. Nadadora desde os cinco anos de idade, sofre de Síndrome de Ehlers-Danlos, o que a levou a sua condição atual em uma cadeira de rodas. Entre seus títulos estão o de campeã nacional do Circuito Loterias Caixa, em Uberlândia (2008), nas modalidades de 50m livre, 50m borboleta e 100m livre. Conquistou a medalha de bronze em Pequim e planeja continuar competindo para bater o recorde mundial nos 50m borboleta (CPB, 2010).

O Remo é o mais novo esporte das Paraolimpíadas, estreando nos Jogos de Pequim 2008 (CPB, 2010). Sua prática paraolímpica iniciou no Brasil na década de 1980, através de um programa



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**JOGOS PARAOLÍMPICOS DE PEQUIM EM 2008: RECONSTRUINDO A  
PARTICIPAÇÃO DAS ATLETAS BRASILEIRAS**

de reabilitação e lazer, nomeado de “Remo Adaptado”, sob a tutela da Superintendência de Desportos do Rio de Janeiro (SUDERJ). Seu público-alvo eram pessoas com deficiência física, mental e, mais tarde, deficientes auditivos (CPB, 2010). O esporte é gerenciado pela Federação Internacional de Remo e organizado no Brasil pela Confederação Brasileira de Remo. Todas as regatas realizadas nos Jogos permanecem dentro de um percurso de 1000 metros e suas categorias podem ser compostas por competidores com diferentes tipos de deficiências, classificados de acordo com a capacidade funcional empregada (CPB, 2010).

A atleta catarinense Josiane Dias de Lima foi o destaque feminino do Brasil no Remo. Após perder parte do movimento do joelho em um acidente de moto em 2004, começou a treinar no Clube de Regatas Aldo Luz, em Florianópolis. Alternando entre o esporte e o trabalho de secretária na Associação Florianópolis de Deficientes Físicos, participou de várias competições (ALMEIDA, 2008). Em 2006 participou do Campeonato Mundial de Eton (Inglaterra), a primeira participação brasileira em provas de Remo Adaptado, e ficou em 8º lugar. Foi campeã do Campeonato Mundial de Munich/2007 (Alemanha) ao lado de Lucas Pagani, companheiro de barco na competição. Nessa ocasião venceram o barco americano, três vezes campeão mundial até então, e estabeleceram um novo recorde mundial (AFLODEF, 2010).

Ao lado do parceiro Elton Santana, Josiane ganhou o bronze nos Jogos de Pequim (FIGURA 4). A atleta treinava sozinha e viajava até São Paulo uma vez ao mês para treinar com seu companheiro, muitas vezes usando o próprio dinheiro para as passagens. Seu esforço foi recompensado com a conquista do primeiro pódio brasileiro na modalidade (ALMEIDA, 2008).





**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**JOGOS PARAOLÍMPICOS DE PEQUIM EM 2008: RECONSTRUINDO A  
PARTICIPAÇÃO DAS ATLETAS BRASILEIRAS**

**Figura 4** - Josiane Lima e Elton Santana com suas medalhas de bronze.

Fonte: sessão de fotos do portal *cpb.org.br*.

O QUADRO 1 reúne os resultados da edição de Pequim, discutidos acima, com todas as premiações femininas.

**QUADRO 1:** medalhas brasileiras nos Jogos de Pequim 2008 (IPC 2010; CPB, 2010).

<b>Premiações do Brasil em Pequim 2008</b>		
<b>Atleta</b>	<b>Prova</b>	<b>Premiação</b>
Terezinha Guilhermina	Atletismo – 100m rasos (T11)	Prata
Adria Santos	Atletismo – 100m rasos (T11)	Bronze
Terezinha Guilhermina	Atletismo – 200m rasos (T11)	Ouro
Jerusa Santos	Atletismo – 200m rasos (T11)	Bronze
Terezinha Guilhermina	Atletismo – 400m rasos (T12)	Bronze
Shirlene Coelho	Atletismo – Lançamento de Dardo (F35-38)	Prata
Deanne Silva	Judô – Abaixo de 70 Kg	Prata
Karla Cardoso	Judô – Acima de 48 Kg	Prata
Michelle Ferreira	Judô – Acima de 52 Kg	Bronze
Daniele Silva	Judô – Acima de 57 Kg	Bronze
Josiane Lima, Elton Santana	Remo – Dupla Mista/Ginga (TAMix2x)	Bronze
Verônica Almeida	Natação –50m Borboleta (S7)	Bronze
Fabiana Sugimori	Natação –50m Livre (S11)	Bronze
Edênia Garcia	Natação –50m Livre (S4)	Bronze

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**JOGOS PARAOLÍMPICOS DE PEQUIM EM 2008: RECONSTRUINDO A  
PARTICIPAÇÃO DAS ATLETAS BRASILEIRAS**

A reconstrução da participação das atletas paraolímpicas brasileiras nos Jogos Paraolímpicos de 2008 em Pequim, conforme foi o objetivo do estudo, sempre se apresenta como um desafio. No caso dos Jogos Paraolímpicos, isso se torna ainda mais nítido. Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, ficou visível a carência de fontes sobre o tema. Como evidenciado pelo trabalho, a maior fonte de informações para o leitor comum continua sendo a *internet*, através de portais de notícias dos Comitês nacionais e internacionais.

Em contrapartida, ao compararmos com o passado recente, a visibilidade atribuída às Paraolimpíadas, bem como o investimento, vêm aumentando ao longo dos anos, a exemplo do projeto “Paraolímpicos do Futuro”. Infelizmente a maior parte dos incentivos significativos tende a aparecer apenas após períodos de resultados positivos no evento, por vezes ignorando momentos de maior necessidade devido às derrotas. Considerando essa realidade, relatar as conquistas brasileiras torna-se um ato importante para que o esporte paraolímpico brasileiro continue progredindo.

Um ponto evidente a se destacar sobre essas atletas não é a sua obtenção de medalhas, mas a força de vontade que as guia em um caminho de conquistas pessoais. Dentro do esporte, elas encontram motivação suficiente para enfrentar não apenas uma deficiência, mas um estigma de fraqueza e vulnerabilidade atribuído pela sociedade. Por esse motivo, entendemos que os Jogos Paraolímpicos deveriam ter o mesmo destaque na mídia em relação aos outros eventos, com seus atletas recebendo as alcunhas de “herói” ou “conquistador”, como é de praxe. Afinal, a obtenção de uma medalha de ouro, quatro de prata e nove de bronze por parte das atletas contribuiu significativamente para que o Brasil obtivesse o 9º lugar, uma posição nunca alcançada nos Jogos Olímpicos que deixou sua marca no passado recente.

Ficam como sugestões para próximas incursões neste tema, que se estudem aspectos históricos e o desenvolvimento das práticas esportivas que compõem o quadro dos Jogos Paraolímpicos, aprofundado mais os estudos sobre esse evento. Tais pesquisas representariam uma grande contribuição para a comunidade geral, além de servir como indicadores para futuros investimentos por parte dos órgãos responsáveis.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**JOGOS PARAOLÍMPICOS DE PEQUIM EM 2008: RECONSTRUINDO A  
PARTICIPAÇÃO DAS ATLETAS BRASILEIRAS**

- \_\_\_\_\_. Special Issue: Annual Historical Review Promoting China in the World: Soft and Hard Power Politics-China After the Olympics. Florence: Routledge, v26, n.8, 2009.
- \_\_\_\_\_. Special Issue: Preparing for Glory: Beijing 2008 - Chinese Challenge in the 'Chinese Century'. Florence: Routledge, v. 25, n. 7, 2008.
- ABRANTES, G.M., LUZ, L.M.R., BARRETO, M.M. **Manual de Orientação para Professores de Educação Física: Natação Paraolímpica**. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro. 2006.
- AFLODEF. **Remadora deficiente da Aflodef de Florianópolis é campeã mundial de remo**. Disponível em <<http://www.guiadeesportes.com.br/?secao=dinamica&area=artigos&id=113>>. Acesso em 2 mar. 2010.
- ALMEIDA, J.P.B. **Josiane Dias de Lima: uma campeã na vida**. Blog DJ Gotcha. 2008. Disponível em <<http://www.djgotcha.com.br/portal/index1.php?pg=noticia&id=358>>. Acesso em 2 mar. 2010.
- BOURDIEU, P. **Sobre a Televisão: a Influência do jornalismo e os Jogos Olímpicos**. Rio De Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- BRAZZUNA, M.R.; MAUERBERG-DECASTRO, E.A Trajetória do Atleta Portador de Deficiência Física no Esporte Adaptado de Rendimento. Uma Revisão da Literatura. **Motriz**, Rio Claro, v. 2, n. 7, p. 115-123, 2001.
- CIDADE, R.E.; FREITAS, P.S. **Introdução à Educação Física e ao Desporto para Pessoas Portadoras de Deficiência**. Curitiba: Ed. UFPR, 2002.
- CONDE, A.J.M.; SOBRINHO, P.A.S.; SENATORE, V. **Manual de Orientação para Professores de Educação Física: Introdução ao Movimento Paraolímpico**. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro. 2006.
- CPB, **Comitê Paraolímpico Brasileiro**. Portal do Comitê Paraolímpico Brasileiro. Disponível em <<http://www.cpb.org.br>>. Acesso em 12 fev. 2010.
- DA MATTA, R. **Futebol: ópio do povo x drama de justiça social**. Novos Estudos Cebrap, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 54-60, nov., 1982.
- DIAS, V. Sidney 2000. **Livro d'ouro. Federação Portuguesa de Desporto para Deficientes**, Lisboa. 2001. In: SILVA, M. A.; RODRIGUES, N. **Participação feminina nos jogos**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**JOGOS PARAOLÍMPICOS DE PEQUIM EM 2008: RECONSTRUINDO A  
PARTICIPAÇÃO DAS ATLETAS BRASILEIRAS**

**paraolímpicos de Sidney 2000.** Queijas: Associação Portuguesa Mulheres e Desporto. 2005. Disponível em <<http://www.mulheresdesporto.org.pt/6%20-%20Participa%E7%E3o%20feminina%20nos%20jogos%202000.pdf>>. Acesso em 12 fev. 2010.

DOMINGUES, E. **Medalhas paraolímpicas.** Disponível em <<http://beijingolimpica.blogspot.com/2008/08/medalhas-paraolmpicas.html>>. Acesso em 14 fev. 2010.

GOELLNER, S.V. **Imagens da Mulher no Esporte.** In: PRIORE, M.D.; MELO, V.A. de. **História do Esporte no Brasil: do Império aos dias atuais.** São Paulo: UNESP, 2009. P. 293-330.

GUERRA, M.O.; FIGUEIREDO, T.H. **Paraolimpíadas e Mídia: A Cobertura Deficiente.** Intercom 2006: Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo. 2006.

GUTTMANN, Allen. **From ritual to record: the nature of modern sports.** New York: Columbia University Press, 1978, p. 1-55.

IJHS. **International Journal of the History of Sport.** Special Issue: Encoding the Olympics - The Beijing Olympic Games and the Communication Impact Worldwide. Florence: Routledge, Jun. 2010. V. 27, N. 9 & 10.

IPC, **International Paralympic Committee.** Portal do International Paralympic Committee. Disponível em <<http://www.paralympic.org/>>. Acesso em 27 mar. 2010.

MARIN, E.C. Entretenimento: uma mercadoria com valor em alta. **Revista Movimento.** Porto Alegre: UFRGS, abr.-jun. 2009. v.15, n.2.

PESAVENTO, S. **História & História Cultural.** 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

RUBIO, K.; SIMÕES, A.C. A conquista do espaço esportivo pelas mulheres. **Revista Movimento.** Porto Alegre: UFRGS. 1999. v.11, n.2.

SILVA, M.A.; RODRIGUES, N. **Participação feminina nos jogos paraolímpicos de Sidney 2000.** Queijas: Associação Portuguesa Mulheres e Desporto. 2005. Disponível em <<http://www.mulheresdesporto.org.pt/6%20-%20Participa%E7%E3o%20feminina%20nos%20jogos%202000.pdf>>. Acesso em 12 fev. 2010.





**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**JOGOS PARAOLÍMPICOS DE PEQUIM EM 2008: RECONSTRUINDO A  
PARTICIPAÇÃO DAS ATLETAS BRASILEIRAS**

SOUZA, R.E.A.C. **Atletas Paraolímpicas:** figurações e sociedade contemporânea. Campinas: UNICAMP, 2004. 49 p. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação Física, Universidade de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2004.

UOL. **Com a prata e bronze, judô eleva número de medalhas do Brasil em Pequim.** São Paulo: UOL Esporte, 2008. Disponível em <<http://olimpiadas.uol.com.br/ultimas/2008/09/07/ult5584u5379.jhtm>>. Acesso em 30 mar. 2010.

VERÍSSIMO, A.W.; RAVACHE, R. **Manual de Orientação para Professores de Educação Física: Atletismo Paraolímpico.** Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro. 2006.

VIEIRA, C.S.; SOUZA JÚNIOR, W.R. **Manual de Orientação para Professores de Educação Física: Judô Paraolímpico.** Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro. 2006.